

## Áreas de risco, dinâmica social e erosão em Manaus.

Nilza Carvalho da SILVA<sup>1</sup>; Reinaldo Corrêa COSTA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Bolsista, PIBIC/INPA/FAPEAM; <sup>2</sup> Orientador NPCHS/ INPA

Manaus vem passando por um processo de urbanização bastante intensificada, e juntamente com ela, vem inserida uma problemática política e social que passa a ser perceptível, principalmente quando esta, pauta-se na questão da moradia. Por ser um bem que interessa a todas as classes sociais existentes na sociedade capitalista, a moradia com boa qualidade acaba se tornando uma mercadoria pouco acessível, principalmente para as classes sociais, desprovidas de capital, que, vitimadas por políticas habitacionais inoperantes ou incapazes de suprir as necessidades de moradia para os mais carentes, contribuem para que estas pessoas, por falta de opção se instalem em áreas sujeitas a possíveis processos erosivos, ou seja, *áreas de risco*, para Casetti (1995), aqueles que não possuem condições de dispor de uma moradia digna em um bairro planejado, acabam sendo induzidos pelo próprio modo de produção capitalista, a ocupar áreas sem qualquer infra-estrutura, onde muitas vezes, acabam se tornando vítimas das transformações ambientais. Com base nos aspectos apontados, a pesquisa *áreas de risco, dinâmica social e erosão em Manaus*, visou através do entendimento da geomorfologia e dos processos de erosão e morfogênese das paisagens urbanas, estando estas susceptíveis a diferentes processos de apropriação e uso do solo urbano na cidade de Manaus, entender através de leituras bibliográficas e observações realizadas nas áreas em estudo (Terra Nova, Cidade de Deus e Grande Vitória), verificar a estrutura do relevo existente no município, e sua tipologia predominante dentro da cidade de Manaus, para que pudéssemos de forma mais concisa, elaborar um conceito de zoneamento para as áreas, e fazer uma análise da paisagem, nestas localidades, uma vez que, como nos diz Lacoste (2003), é nas paisagens que se encontram em primeiro plano, as marcas dos atos humanos, que se sucedem ao longo da história, sendo estas, constituídas pelas *formas do relevo* e pelas estruturas geológicas em seus processos de erosão sob o efeito do clima. Por outro lado, no que se refere a geomorfologia de Manaus, esta insere-se no nível de interflúvios tabulares, apresentando ordem de grandeza que varia de 250 a 750m de extensão (RADAMBRASIL,1978). Do ponto de vista morfológico, *não apresenta uniformidade*, já que abrange tanto as "terras altas" do platô terciário (terra firme), quanto a planície quaternária inundável formada pelas "várzeas" do Solimões (SOARES, 1963). A pesquisa, também verificou através de imagens de interferometria, que um dos pontos mais altos do relevo na cidade, se encontra nos bairros estudados onde chegam a apresentar cotas de 90m de altura. Já no que se refere, às paisagens observadas no presente estudo, estas demonstraram, diferenciação no que diz respeito aos serviços públicos, uma vez que, mesmo as residências estando pertencentes a uma mesma localidade no bairro Cidade de Deus, nem todas possuíam serviços públicos, tais como energia elétrica, telefone público, ruas pavimentadas, já que estas, se encontravam em relevos diferenciados, ou seja as residências que não possuíam estes serviços públicos estavam sobre áreas de encosta. Para Farah (2003), vivemos num país cujo processo de ocupação inclui o nascimento de inúmeras cidades em regiões com importante presença de morros. Na formação das cidades brasileiras verifica-se ainda uma perversidade na distribuição social dos terrenos e em regiões com morros, os eventuais trechos planos dos sítios originais, são logo apropriado pela *indústria* imobiliária, neste sentido só tendem a restar, para os mais pobres, justamente os terrenos mais problemáticos, aí incluindo os situados em encostas. Ainda nesta direção, e sob a análise da fisiologia da paisagem, dos lugares, o estudo também pôde constatar um grande número de residências, sobre encostas, que estão contendo um forte processo erosivo, sujeitas a sofrer deslizamentos no bairro Grande Vitória. Neste sentido, vale ressaltar o que nos diz Farah (2003), no caso de encostas, a pobreza cobra preços elevados. Afetando o indivíduo que, durante uma noite chuvosa, sente um baque, *seguido dos ruídos da destruição* e, antes mesmo que o compreenda o que está acontecendo, tem sobre si algumas toneladas de escombros de terra e também com a força das águas que alagam rapidamente e com sua força destroem as casas. Este indivíduo, mesmo que por sorte escape com vida, perde o eventual patrimônio que conseguiu construir. Já no bairro Terra Nova, podemos verificar as famílias que sofrem com o problema das alagações, já que estas, estão instaladas próximas de um igarapé denominado de *Passarinho*, e este transborda quando há chuvas intensas na cidade como as que ocorreram nos dias 9 12 de abril de 2007. Nesta direção, o processo de crescimento sem desenvolvimento, faz com que, no mundo do capitalismo, o ser humano estabeleça com os processos naturais uma dinâmica contraditória para satisfazer suas necessidades de abrigo, desmatando e ocupando áreas sem infra-estrutura, que com o tempo os processos naturais acrescidos dos impactos produzidos pelas pessoas, se somarão e serão visualizados na forma de enchentes resultando no processo de formação de movimentos de massa, propícios ao terreno

(FARAH, 2003). Neste sentido, com base no entendimento do relevo predominante na cidade, conseguimos compreender a formação das áreas de risco nas áreas observadas, onde, verificou-se, a predominância marcante de residências sobre áreas de encostas, susceptíveis aos processos erosivos nos três bairros em estudo, assim como nos vales e nas margens de igarapés, residências sujeitas a possíveis alagações. Logo, pode-se perceber que nas paisagens urbanas, são refletidos, os diferentes tipos de processos sociais, que passam a se consolidar nas diferentes formas do relevo, daí, a importância de se entender a geomorfologia, da territorialidade onde estas diferentes classes sociais estão sobrepostas. Uma vez que, a própria localização dessas classes sociais sobre esta geomorfologia ou relevo, passa a indicar o tipo de classe que está inserida sobre ele, tais como as famílias que passam a habitar as áreas de risco, onde geralmente se inserem na classe social, que possuem um baixo padrão econômico. É nesse contexto que temos uma compreensão de um "espontâneo" processo de zoneamento de áreas, com e sem infra-estrutura. Pois nas áreas de risco os processos de identificação (tipologia) e ações recentes permitem a constituição de um conceito de zoneamento que seja construído com a realidade vivida nessas frações do urbano em Manaus. Esse zoneamento é uma virtude dos processos erosivos e construções de moradia.

**Palavras-chave:** Áreas de risco, Moradia, Erosão.

### **Bibliografias citadas**

- Casseti, V. (1995) - *Ambiente e apropriação do relevo* - São Paulo.
- Farah, F. (2003) - *Habitações e encostas*, São Paulo, Coleção Habitare.
- Lacoste, Y. (2003) - *Dicionário de geografia: da geopolítica às paisagens*, Lisboa, Teorema.
- Guerra, A.T. (1989) - *Dicionário geológico geomorfológico*, Rio de Janeiro, IBGE.
- Radambrasil, (1978) - *Região Norte*. Vol.18, IBGE.
- Soares, L. (1963) - *Amazônia*, Rio de Janeiro, Educação Nacional de Geografia.